

## O USO DO IMPERFEITO EM PORTUGUÊS EUROPEU E EM ESPANHOL EUROPEU

### THE USE OF THE IMPERFECT TENSE IN EUROPEAN PORTUGUESE AND IN EUROPEAN SPANISH

Bárbara Azevedo\*  
barbarazevedo6187@gmail.com

Este trabalho tem como principal objetivo analisar o uso do pretérito imperfeito do indicativo em duas línguas românicas, o português europeu e o espanhol europeu, de modo a verificar se os seus usos, em determinados contextos, são equivalentes ou distintos. A análise baseia-se em dados recolhidos em dois repositórios linguísticos, um português (CETEMPúblico) e outro espanhol (CREA), assim como em jornais *online* portugueses e espanhóis. O estudo centra-se em construções condicionais com o intuito de verificar até que ponto as duas línguas convergem ou não quanto ao uso do imperfeito nestas construções. Depois da análise dos dados, observou-se que há algumas diferenças entre as duas línguas nestas construções, tendo por base as classes aspetuais com as quais o pretérito imperfeito se combina.

**Palavras-chave:** Pretérito Imperfeito. Português Europeu. Espanhol Europeu. Corpus Linguístico.

This work has as main objective to analyze the use of the Imperfect past tense in two Romance languages, European Portuguese and European Spanish, in order to verify if their uses, in certain contexts, are equivalent or distinct. The analysis is based on data collected from two language repositories, one Portuguese (CETEMPPublic) and one Spanish (CREA), as well as in Portuguese and Spanish online newspapers. The study focuses on conditional constructions in order to verify the extent to which the two languages converge or not as to the use of the Imperfect in these constructions. After analyzing the data, it was observed that there are some differences between the two languages in these constructions, based on the respective classes with which the Imperfect tense is combined.

**Keywords:** Imperfect Tense. European Portuguese. European Spanish. Linguistic Corpus.

---

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.



## 1. Introdução

Em linhas gerais, o tempo linguístico faz a localização das situações relativamente ao momento de enunciação ou a um outro tempo expresso linguisticamente (Reichenbach 1947). Tal como Oliveira (2013, p. 510) diz, “Nas línguas humanas, o eixo temporal articula-se em três domínios, Passado, Presente e Futuro, relativamente a um ponto ou a um intervalo tomado como referência, nomeadamente o momento em que o falante produz o enunciado...”, levando, assim, a considerar-se que o tempo pode ser défítico, mas que também pode ser anafórico quando depende de outro tempo explicitado linguisticamente.

Tendo em conta vários estudos sobre o pretérito imperfeito (Brucart 2001; Cunha 2013; Leonetti 2004; Oliveira 2003, 2004, 2013; Oliveira & Duarte 2012; etc.), quer em português europeu quer em espanhol europeu, podemos começar por considerar que este tempo verbal pertence ao domínio do passado. Sendo um tempo verbal que se encontra em várias línguas, em particular as românicas, isso não significa que esse tempo verbal tenha a mesma interpretação semântica em todas essas línguas, como é o caso do português europeu e do espanhol europeu, apesar de serem aparentemente muito próximas.

O objetivo deste trabalho é fazer uma comparação entre ocorrências de português europeu e de espanhol europeu, recolhidas em corpora<sup>1</sup>, com o intuito de avaliar até que ponto se assemelham ou divergem, considerando exemplos como os que a seguir se apresentam, em que em 1, com contexto não condicional, o imperfeito ocorre nas duas línguas, enquanto em 2, com construções condicionais, se verifica uma diferença entre os tempos selecionados.

(1)

- a. Aizderdzis, de 36 anos, foi assassinado na terça-feira com um tiro na cabeça quando entrava em sua casa nos arredores de Moscovo. *ext79903-pol-94a-1*
- b. ...Cuando ya entraba en la ciudad, sin aviso previo, se le atravesó un Audi que le partió de un batacazo el eje delantero.<sup>2</sup>

(2)

- a. Se houvesse fiscalização a sério não entrava. *ext1529822-soc-93b-2*
- b. ...la tasa solo entraría en vigor si no se encuentra una solución a escala internacional...<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Os exemplos são retirados em grande parte de repositórios linguísticos e de jornais portugueses e espanhóis *online*. Deste modo, sempre que necessário, em nota de rodapé, serão fornecidas informações sobre os exemplos escolhidos.

<sup>2</sup> Ocorrência: 07. Relatos Planeta (Barcelona), 2002.

<sup>3</sup> Disponível em [http://euroefe.euractiv.es/6584\\_diario-de-europa/5878773\\_el-ano-del-brexit-ya-esta-aqui.html](http://euroefe.euractiv.es/6584_diario-de-europa/5878773_el-ano-del-brexit-ya-esta-aqui.html). Consultado em 6 janeiro 2019.

Com o objetivo de desenvolver o estudo comparativo enunciado, procedemos a uma seleção dos dados concentrados em duas classes aspetuais, por um lado, culminações (ou *achievements*) com os verbos *entrar* e *chegar*, por outro lado, estados construídos com *ser* e *estar*, na terceira pessoa do singular. A escolha destas duas classes aspetuais está relacionada com o facto de as culminações serem eventos e, portanto, diferentes dos estados, mas, também, por as culminações não apresentarem duração, contrariamente ao que acontece com os estados.

Quanto aos dados, recorreremos a dois repositórios públicos linguísticos, um português – CETEMPúblico –, e um espanhol – CREA (Real Academia Española n.d.) –, mas, também, a alguns dados recolhidos em jornais portugueses e espanhóis.

Deste modo, são feitas, na secção 2, observações relativamente às diferentes classes aspetuais dos verbos e, na subsecção 2.1., é evidenciada a oposição entre *ser* e *estar*. Na secção 3, apresentamos, em linha gerais, o valor do pretérito imperfeito em português europeu e em espanhol, assim como, na subsecção 3.1., as alterações aspetuais causadas por esse tempo verbal. Na secção 4, expomos o estudo do contexto do *corpus* de análise, a metodologia, a análise dos dados e os resultados obtidos. No final, tecemos algumas considerações finais baseadas na análise dos dados apresentados.

## 2. Sobre classes aspetuais

Tendo em conta que os trabalhos de vários autores, entre os quais os mencionados acima, consideram que o pretérito imperfeito não só transmite informação temporal, mas também em certos contextos pode funcionar como um operador aspetual, procede-se neste ponto a algumas observações gerais sobre aspeto e, em particular, sobre as classes aspetuais selecionadas.

Considerando que “...as frases possuem igualmente uma estrutura temporal interna chamada aspeto, que depende do tipo de situação que representam e que é independente de qualquer ponto externo de referência...” (Cunha 2013, p. 585), o aspeto transmite informações de como é perspectivada ou focalizada a constituição temporal interna das situações, principalmente pela sua predicação, não sendo necessário relacionar-se com outros elementos. Por outro lado, segundo De Miguel (1999, p. 2980), a informação aspetual “puede manifestarse formalmente de muy diversas maneras en las distintas lenguas; ...”.

Em línguas como o português europeu e o espanhol europeu, o aspeto advém de determinados elementos linguísticos como o verbo e os seus argumentos, adjuntos adverbiais de localização e duração temporal, frequência e tempos gramaticais. Como Cunha (2013, p. 588) afirma, o aspeto é uma “complexa teia de dependências mútuas e bidirecionais entre os variados componentes”.

A estrutura temporal interna de uma situação detém um conjunto de propriedades que nos ajudam a descrevê-la. No caso concreto dos estados e das culminações, apenas são relevantes as propriedades de dinamicidade, de duratividade e de telicidade (Cunha 2013; Dowty 1979; Moens & Steedman 1988; Oliveira 2003; Vendler 1967).

Tendo em conta que as classes aspetuais consideradas para este estudo são apenas as culminações e os estados, procede-se de maneira breve a uma explicitação das propriedades atribuíveis a cada uma dessas classes.

A dinamicidade é uma propriedade que revela uma modificação do estado inicial, apresentando um conjunto de fases consecutivas e que evoluem temporalmente, ao contrário de uma situação que não apresenta dinamismo, como é o caso dos estados. A duratividade é uma propriedade que demonstra a duração de uma situação num determinado intervalo de tempo, contrariamente à de uma situação não durativa, pontual, por outras palavras, ocorre apenas num determinado momento. Por sua vez, a telicidade é uma característica que a situação pode conter internamente e que constitui um limite final próprio, havendo, conseqüentemente, um estado resultante. Uma situação atélica é aquela que não apresenta um limite próprio e que pode ocorrer indeterminadamente até lhe ser imposto um limite.

As culminações são caracterizadas pelos traços de dinamicidade e telicidade, mas também pela ausência de duração. Por sua vez, os estados são caracterizados pela ausência de dinamicidade e de telicidade, mas pela presença de duratividade.<sup>4</sup>

Há ainda uma distinção importante a fazer entre predicados de indivíduo e predicados de fase.<sup>5</sup> Com base em Carlson (1977), Cunha (2013) diz que os primeiros se atribuem a indivíduos e são considerados como propriedades estáveis dos mesmos, como *ser inteligente*. Por outro lado, os predicados de fase atribuem-se a uma parte espaço-temporal de um indivíduo, que pode ser alterada diversas vezes, como *estar doente* ou *ler um livro*.

Relativamente aos estados, a distinção predicados de indivíduo/ fase, em línguas como o português e o espanhol, é realizada através dos verbos *ser* e *estar*<sup>6</sup>, uma vez que predicados de indivíduo se constroem com o verbo *ser* e predicados de fase com o verbo *estar*, quando estamos perante construções com adjetivos, participios ou participios adjetivais. (Oliveira 2004).

Para além do que foi dito anteriormente, alguns predicados estativos podem comportar-se como eventos, quando a estrutura temporal interna se modifica para a que qualifica os processos, distinguindo estados faseáveis de não faseáveis, distinção proposta por Cunha (1998, 2004). Segundo este autor, os estados faseáveis podem apresentar um comportamento eventivo em certos contextos por ser possível atribuir-lhes dinamicidade, *ser simpático*. Por sua vez, os que não demonstram traços de dinamismo são considerados estados não faseáveis, como *ser português*. O teste que nos permite distinguir tais estados é o do uso da construção progressiva. Veja-se:

(3) A Daniela está a ser simpática. (estado faseável)

(4) \*O Tiago está a ser português. (estado não faseável)

<sup>4</sup> A diferença entre as classes aspetuais pode ser verificada através de testes. *Vd.* Oliveira (2003) e Cunha (2013).

<sup>5</sup> Cunha (2013) utiliza os termos estados estáveis e estados episódicos para predicados de indivíduo e predicados de fase, quando aplicados apenas a estados. No entanto, todos os eventos básicos são predicados de fase. Neste trabalho, utilizaremos a nomenclatura de Carlson (1977).

<sup>6</sup> *Vd.* distinção na subsecção 2.1. *Ser/ estar* em português europeu e em espanhol europeu.

No que diz respeito aos eventos, existem quatro classes que nos permitem agrupar os predicados aspetuais consoante as suas características: os processos, os processos culminados, as culminações e os pontos.

Como dito acima, são seleccionados para este estudo exemplos de culminações e de estados, escolhendo para o primeiro caso, os verbos *chegar* e *sair*, e para estados, construções predicativas com *ser* e *estar* cujo núcleo predicativo é um adjetivo ou um participípio.

### 2.1. *Ser/estar* em português europeu e em espanhol europeu

À luz de diversos autores, como Cunha (2013, p. 598), para o português, este afirma que “...a ocorrência dos verbos copulativos *ser* ou *estar* encontra-se intimamente relacionada com a oposição entre predicados estáveis e predicados episódicos. Assim, os predicados episódicos seleccionam *estar*, ao passo que os predicados estáveis seleccionam *ser*.”; já Leborans (1999, p. 2366), para o espanhol, diz que “Al verbo *ser*, compatible con los P-I<sup>7</sup>, la tradición gramatical opone el verbo copulativo *estar*, que representa el polo marcado de la oposición por su compatibilidad con los P-E<sup>8</sup>, sensibles al tiempo y al aspecto.”. Posto isto, verifica-se que as duas línguas românicas distinguem o verbo *ser* do verbo *estar* da mesma forma, como referido na secção anterior.

O verbo *ser*, por um lado, é tido como um verbo que faz a ligação entre um sujeito e uma propriedade/qualidade estável que independentemente da circunstância é vista como válida; o verbo *estar* é tido como um verbo que faz a ligação entre um sujeito e uma propriedade episódica que é obtida perante uma determinação espaço-temporal do indivíduo e que é determinada consoante uma circunstância. Ou seja, podemos verificar que o verbo *ser* não sofre alterações no que diz respeito ao complexo verbal (ou predicado complexo), sendo considerado um verbo com qualidades e propriedades constantes, como *ser médico*, seleccionando predicados de indivíduo, ao contrário do verbo *estar*, que selecciona predicados de fase, como *estar doente*.

### 3. Breves observações sobre o imperfeito em português europeu e em espanhol europeu

No que se refere às línguas românicas, o sistema dos tempos verbais é complexo e como Brucart (2001, p. 1) afirma “Al igual que el resto de las lenguas románicas, el español ha heredado del latín un sistema bastante rico de tiempos del pasado de indicativo, ...”. O mesmo podemos dizer do português, pois também se encontra dentro do leque das línguas românicas.

Tendo em conta este trabalho, apenas nos interessa analisar o pretérito imperfeito do indicativo, mas é fundamental dizer que em ambas as línguas existem outros tempos verbais que, mesmo semelhantes, veiculam muitas diferenças.

<sup>7</sup> *Predicados de indivíduos* ou *predicados estables*.

<sup>8</sup> *Predicados de estádios* ou *episódicos*.

O pretérito imperfeito é um tempo do passado que, na sua base, denota uma informação temporal referencial do passado. Contudo, quando nos debruçamos sobre este tempo verbal em português europeu e em espanhol europeu são visíveis pontos de convergência e divergências.

Em português europeu, o pretérito imperfeito é visto como “... um tempo verbal com valor semântico de Passado, mas possui igualmente uma forte dimensão aspetual e, por vezes, modal.” (Oliveira 2013, p. 518).

Em linhas gerais, de acordo com a gramática tradicional, segundo Cunha & Cintra (2000, pp. 454–455), o imperfeito é utilizado para exprimir uma situação habitual ou repetitiva no passado, durativa e delimitada no tempo. Cunha & Cintra (2000, pp. 450–451) enumeram os seguintes usos, exemplificando com os fragmentos que a seguir se apresentam:

- descrições ou narrações passadas:
  - (5) “Debaixo de um itapicuru, eu fumava, pensava e apreciava a tropilha de cavalos, que retouçavam no gramado vasto.”, (Guimarães Rosa, *S*, 216);
- ações simultâneas em que uma apresenta maior duração do que a outra:
  - (6) “Falava alto, e algumas mulheres acordaram.”, (Miguel Torga, *V*, 183);
- ações passadas habituais ou repetidas:
  - (7) “Se o cacique marchava, a tribo inteira o acompanhava”, (Jaime Cortesão, *IHB*, II, 178);
- factos passados constantes e contínuos:
  - (8) “Sentou-se no muro que dava para o rio, o jornal nas mãos”, (Augusto Abelaira, *CF*, 173);
- factos consequentes imediatos que não aconteceram:
  - (9) “O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendão.”, (Monteiro Lobato, *U*, 236);
- forma de cortesia (imperfeito de cortesia) para atenuar um pedido ou uma afirmação:
  - (10) “Tive alta ontem, e vinha agradecer a V. Ex.<sup>a</sup>...”, (Miguel Torga, *V*, 279);
- sentido existencial, em histórias, contos, lendas, ...:
  - (11) “Era uma vez uma mulher que queria ver a beleza.”, (Guilherme de Almeida, *N*, 25).

Já Oliveira (2004), na mesma linha, mas mais detalhado em certos pontos, diz, também, que é um tempo utilizado em contextos em que:

- os predicados de indivíduo apresentam uma duração longa, podendo ter a informação que esse predicado já não se aplica ou sofreu uma alteração, mas também que, em determinados contextos, o indivíduo pode já não existir. Vejam-se os seguintes exemplos adaptados de Oliveira (2004):

(12) O Luís era professor.

(13) O João era bonito.

- os verbos transmitem informações de estados temporários ou eventos, que, normalmente, têm junto a si um advérbio de tempo ou uma oração para criar um tempo de referência e uma relação de inclusão, em 14, ou de sobreposição, em 15:

(14) Enquanto a Ana escrevia o relatório, bateram à porta.

(15) Ontem, a Maria comia um gelado enquanto enviava mensagens.

- há a substituição do uso do condicional, ou seja, em construções condicionais na oração consequente, em 16 (interpretação contrafactual), mas também em orações que antecedem a oração condicional, em 17 (interpretação factual e temporal e/ou interpretação habitual ou eventualmente de frequência) ou, até mesmo, em construções textuais paratáticas<sup>9</sup>, em 18, tendo uma interpretação de futuro relativamente ao tempo da oração condicional, muitas vezes causada por um adjunto adverbial temporal (interpretação contrafactual):

(16) Se eu fosse extrovertida, convidava/ convidaria o João para a festa.

(17) Se o Pedro tinha más notas, o pai cortava-lhe a mesada.

(18) A Ana deixou a torneira aberta. Mais meia hora e tinha uma inundação em casa.

Por fim, Oliveira (2003) fala do imperfeito ainda com carácter modal, não se referindo a um tempo do passado, mas sim a um futuro praticamente simultâneo ao momento da enunciação, em 19, muitas vezes auxiliado por expressões temporais, ou a situações realmente futuras com carácter condicional, em 20:

(19) Agora, comia um pastel de nata.

(20) Se me atrasar, dormia em tua casa.

---

<sup>9</sup> Segundo Cunha (2013, p. 520), em nota de rodapé, “...as duas frases não estão formalmente ligadas entre si por qualquer conector.”



Cunha (2013), baseado em Oliveira (2004), fala também do imperfeito modal em situações em que detemos uma expectativa, como em 21, mas o falante não tem a certeza se irá ocorrer; em situações que são interpeladas por outro falante e que são paradas no momento da enunciação, como em 22; na criação de mundos alternativos, em 23; ou, por último, como forma de cortesia ou delicadeza, em 24:

(21) O Luís ia chegar cedo.

(22) O que estás à procura? Estava à procura do lápis.

(23) Agora eu era a Branca de Neve e tu a bruxa má.

(24) Queria um café, por favor.

No âmbito do espanhol europeu, o imperfeito refere-se a uma situação contínua anterior ao momento da fala, aludindo a situações com duração sem identificar o momento em que começou ou terminou: “... el imperfecto no expresa acciones que duran, sino que sirve para representar eventos que se presentan como no delimitados temporalmente.” (Brucart 2001, p. 3). Ainda Brucart (2001, p. 1) menciona três usos básicos do imperfeito:

- i. Ação/ aspeto imperfeito: “expresa acciones, procesos o estados del pasado en una visión inacabada”;
- ii. Coincidência com um passado: “expresa acciones, procesos o estados del pasado como coincidentes temporalmente con otra acción pretérita existente en el contexto”;
- iii. Ação repetitiva, rotineira ou habitual: “la acción se verifica un número indefinido de veces en el pasado”.

No entanto, acrescenta outros valores também chamados de *dislocados*, *metafóricos* ou *secundários*, que contêm um valor modal. Assim, Brucart (2001, p. 2) apresenta os seguintes exemplos que ilustram os usos do imperfeito de carácter modal que a seguir se explicitam:

(25) Ya me iba de viaje.

(26) Quería decirte algo.

(27) Si fuera rico, me compraba un Mercedes.

(28) En dos semanas, iba a Paris.

(29) Perdón, pero ¿qué chico cenaba con nosotros?

Nos exemplos 25 e 28, verificamos uma intenção do falante, mas a situação ainda não foi realizada. No exemplo 26, deparamo-nos com o imperfeito de cortesia, que mesmo revelando uma intenção, pode ser cancelada. Por sua vez, no exemplo 27 é-nos



apresentada uma oração condicional contrafactual, em que o imperfeito é utilizado ao invés do condicional, embora em ambos os casos esta condição não se realize. Neste último exemplo, o imperfeito tem um carácter de consequência direta, ao contrário do que acontece com o condicional, que apresenta um intervalo de tempo. Por último, no exemplo 29, podemos ver que num momento passado, a informação já tinha sido transmitida ao falante, mas que este pretende lembrá-la. Contudo, é fulcral mencionar que em construções do tipo de 27, em espanhol, o condicional é o tempo eleito por excelência, como veremos mais à frente.

Quanto aos usos *dislocados* mencionados, Bosque (2010, pp. 444–446) também fala de “usos modales del imperfecto”. Estes usos são os seguintes:

- i. “Imperfecto onírico o de figuración”;
- ii. “Imperfecto de cortesía”;
- iii. “Imperfecto citativo o de cita”;
- iv. “Imperfecto prospectivo”.

Para ilustrar tais usos do imperfeito, vejamos os seguintes exemplos da referida obra:

- (30) “Tú hazte cuenta que vamos los dos en una barca. Oye, - ¡qué, divertido! Tú eras el que iba remando; la mar estaba muy revuelta, muy revuelta.”, (Sánchez Ferlosio, Jarama);
- (31) “Venía a pedirte un consejo; Le quería pedir el favor de que me guardara mi revólver.”, (Alape, Paz);
- (32) “¿No decías que hoy me lo contarías todo?”, (Regàs, Azul);
- (33) “¿A qué hora empezaba la película de esta noche?”.

O exemplo 30 serve para ilustrar um caso de “imperfecto onírico o de figuración”, na medida em que é criada uma situação alternativa à real. O exemplo 31 mostra o uso do imperfeito em contextos de cortesia. Por sua vez, 32 exemplifica um caso de “imperfecto citativo o de cita” e, por último, o exemplo 33 apresenta um caso de “imperfecto prospectivo”.

Os exemplos apresentados, quer em português quer em espanhol, são a prova de que o imperfeito não representa sempre um tempo do passado, mas que também pode expressar modalidade. (Oliveira 2003, p. 157).

Na secção 4, analisa-se e exemplifica-se, através de dados dos corpora, as diferentes ocorrências do imperfeito (português europeu) e do condicional (espanhol europeu) em orações condicionais.

### 3.1. O imperfeito como operador aspetual

O pretérito imperfeito do indicativo, que faz parte da complexa teia dos tempos do passado, é considerado imperfetivo do ponto de vista aspetual, ou seja, não é possível delimitar as situações temporais. Este tempo (Oliveira 2003, pp. 140–141) permite

transformar eventos télicos em atélicos, não limitados podendo, até mesmo, transformá-los em estados habituais, repetitivos ou outros.

Este tempo verbal, como mencionado, transforma eventos télicos em atélicos, por outras palavras, não existe uma culminação:

(34) O João lia o jornal, quando tocaram à campainha.

Quando combinamos o imperfeito com eventos, é-nos transmitida uma leitura habitual no passado como:

(35) A Maria bebia café.

(36) O Tiago falava ao telefone com a mãe todos os dias.

Por sua vez, quando este tempo se combina com predicados de fase estes continuam estados ou estados derivados e quando agregados a advérbios de periodicidade obtemos uma leitura de frequência:

(37) A Ana estava doente na semana passada.

(38) O João estava sempre constipado.

É necessário dizer que muito dificilmente o imperfeito surgirá em frases simples, porque é um tempo essencialmente anafórico, e que quando ocorre com predicados de indivíduo, a informação depreendida é a de não existência ou de que o predicado já não se aplica, ao contrário dos predicados de fase, que apenas dizem respeito a situações delimitadas temporalmente. Por outro lado, quando o imperfeito é utilizado em construções eventivas, a informação transmitida é de um estado que pode ser habitual, ou não, no passado, Oliveira (2004).

Sintetizando, a natureza não delimitada deste tempo verbal e, principalmente inconclusiva, permite que este tempo verbal funcione como um operador aspetual.

#### **4. Diferenças do uso entre o português europeu e o espanhol europeu**

Depois de termos feito algumas observações relativamente às classes aspetuais, ao verbo *ser* e *estar* e ao pretérito imperfeito em português europeu e em espanhol europeu, verifica-se que as duas línguas apresentam diferenças no uso do pretérito imperfeito do indicativo com valor modal. Tendo em conta o exemplo 16, no caso do português europeu, e o exemplo 27, no caso do espanhol europeu, embora não pareçam, à primeira vista, serem diferentes, na realidade são-no.

Em espanhol europeu, estruturas frásicas como a de 27, orações condicionais, o uso mais comum e frequente é o do condicional, pois indica um carácter menos marcado por parte do falante. O mesmo não podemos dizer do português europeu, que no contexto das condicionais e outros é frequente o uso do imperfeito em português europeu (*cf.* Oliveira

& Duarte 2012), contrariamente ao espanhol europeu. Estas ocorrências, em ambas as línguas, devem-se, provavelmente, à imprecisão temporal e à não delimitação do pretérito imperfeito de situações que se localizam no passado.

Para uma melhor compreensão, o condicional, em português europeu, é um tempo que na perspetiva temporal nos orienta para o passado, porém, se este for utilizado com caráter de futuro em relação à oração condicional, obtemos um valor modal (Oliveira 2003, p. 158). Mais ainda, as orações condicionais apresentam-se através de duas orações que detêm uma relação semântica de dependência, em que uma expressa uma condição e outra a consequência, podendo estas orações ser factuais, hipotéticas ou contrafactuais.

Face a estes quatro verbos de duas categorias aspetuais distintas, eventos (culminações - *entrar* e *chegar*) e estados (*ser* e *estar*), ocorrentes na terceira pessoa do singular, pretendemos demonstrar que em contextos linguísticos semelhantes (orações condicionais), o espanhol europeu e o português europeu manifestam-se de forma diferente.

Apresentam-se de seguida exemplos, em português europeu e em espanhol europeu, que ilustram as ocorrências de estruturas em que os verbos na oração consequente são *entrar* e *chegar*.

- (39) se voltasse a ganhar, chegava aos quartos e assim sucessivamente. *ext636559-des-98a-1*
- (40) ...Si no se desarrollase ninguna acción, se llegaría a una total neutralización de las cargas...<sup>10</sup>
- (41) Se fosse possível fazê-lo a tempo, com as devidas indemnizações, não chegava a acontecer o que actualmente se verifica, garante. *ext1140582-nd-91b-2*
- (42) Si la sanción fuese de dos partidos, Mbappé llegaría con la opción de jugar sólo un encuentro...<sup>11</sup>
- (43) Se o JP Morgan não entrasse no capital do Banesto eu também não entrava. *ext126333-eco-93a-2*
- (44) ...la tasa solo entraría en vigor si no se encuentra una solución a escala internacional...<sup>12</sup>
- (45) Eu se estivesse lá como jornalista ia atrás, entrava.<sup>13</sup>
- (46) Si fuese un bar no entraría,...<sup>14</sup>

<sup>10</sup> Ocorrência: 01. Tecnología, publicación - Santillana (Madrid), 1998.

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.marca.com/futbol/liga-francesa/2018/01/31/5a71d735268e3e9e5c8b45a1.html>. Consultado em 5 de janeiro, 2019.

<sup>12</sup> Disponível em [http://euroefe.euractiv.es/6584\\_diario-de-europa/5878773\\_el-ano-del-brexit-ya-esta-aqui.html](http://euroefe.euractiv.es/6584_diario-de-europa/5878773_el-ano-del-brexit-ya-esta-aqui.html). Consultado em 6 de janeiro, 2019.

<sup>13</sup> Disponível em <https://ptjornal.com/se-estivesse-em-alcochete-ia-atras-dos-encapuzados-diz-manuel-queiroz-376426>. Consultado em 5 de janeiro, 2019.

<sup>14</sup> Ocorrência: 06. Salud, publicación – Audiovisual España, S.A. (Madrid), 2004.

As amostras 39, 40, 43 e 44, encontramos construções condicionais, em que os predicados da oração condicional são eventivos, por isso, é possível obtermos uma interpretação em que a situação seja passível de ocorrer. Por seu turno, os exemplos 41, 42, 45 e 46 deparamo-nos na oração condicional com verbos estativos e, por esse motivo, depreende-se que as situações não irão ocorrer, ou seja, temos uma leitura contrafactual.

Contudo, apesar de todas as estruturas frásicas aqui mencionadas apresentarem o pretérito imperfeito do conjuntivo na oração condicional, a oração conseqüente apresenta diferenças. Em português europeu, a oração conseqüente deveria apresentar-se no condicional, mas o que encontramos é o pretérito imperfeito do indicativo. O mesmo não podemos dizer em espanhol europeu, em que na oração conseqüente encontramos o condicional.

Observemos agora os verbos estativos, *ser* e *estar*, na oração conseqüente:

- (47) Se não tivéssemos de saltar de um lado para o outro, seria mais fácil intensificar os treinos. *ext1468483-des-95a-2*
- (48) Y creo que si cambiara de casa, yo sería la primera en saberlo, ¿no?<sup>15</sup>
- (49) Se ele não autorizasse, o fim-de-semana estaria perdido e à Telma só restaria chorar e sonhar com o fim-de-semana seguinte. *ext40691-clt-92a-1*
- (50) ...si se anulase el artículo 11 del Plan General estaría en peligro el desarrollo urbanístico de Madrid...<sup>16</sup>
- (51) Se a arte fosse pensamento, não seria arte, seria outra coisa. *ext1461773-clt-95a-1*
- (52) Si así fuera el proceso penal no sería necesario.<sup>17</sup>
- (53) Se não estivesse bem não estaria aqui. *ext193175-nd-96b-1*
- (54) Si yo fuera vasco, estaría orgulloso de ver las imágenes...<sup>18</sup>

Em virtude dos dados, os exemplos 47, 48, 51 e 52 são também orações condicionais, mas na oração conseqüente, em ambas as línguas, deparamo-nos com o condicional, enquanto que, na oração condicional, é visível um predicado de tipo eventivo e o pretérito imperfeito do conjuntivo. Isto significa, como vimos anteriormente, que a situação venha a acontecer. No entanto, nas amostras 49, 50, 53 e 54, a interpretação é contrafactual, pois encontram-se verbos estativos na oração condicional. Comparando estes exemplos com os anteriormente analisados, verifica-se que existe variação na oração conseqüente dos tempos verbais em português europeu, mas, em espanhol europeu, isso não acontece.

<sup>15</sup> Ocorrência: 04. Medios de comunicación Ediciones (Madrid), 1990.

<sup>16</sup> Ocorrência: 02. Urbanismo Prensa Española, S.A. (Madrid), 1987.

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.elobservador.com.uy/nota/-el-divorcio-expres-no-valdria-fuera-del-pais--2019165015>. Consultado 6 de janeiro, 2019.

<sup>18</sup> Ocorrência: 03. Política Diario El País, S.A. (Madrid), 1997.

Assim, quando encontramos, em português europeu, um verbo eventivo na oração consequente, pensamos que o tempo verbal escolhido é o pretérito imperfeito, exemplos 40, 42, 44 e 46, mas quando temos um verbo estativo na oração consequente, o condicional parece ser o eleito, exemplos 47, 49, 51 e 53.

**Tabela 1. Síntese da seleção dos tempos verbais em orações condicionais.**

Português Europeu	Português Europeu	Espanhol Europeu	Espanhol Europeu
Oração Condicional	Oração Consequente	Oração Condicional	Oração Consequente
Verbo eventivo	Verbo eventivo: Pretérito Imperfeito	Verbo eventivo	Verbo eventivo: Condicional
Verbo estativo	Verbo eventivo: Pretérito Imperfeito	Verbo estativo	Verbo eventivo: Condicional
Verbo eventivo	Verbo estativo: Condicional	Verbo eventivo	Verbo estativo: Condicional
Verbo estativo	Verbo estativo: Condicional	Verbo estativo	Verbo estativo: Condicional

Assim, com base nos dados observados, podemos perceber que em orações condicionais, o espanhol europeu detém uma construção mais estável, selecionando sempre o condicional, ao contrário do português europeu que apresenta variações entre o pretérito imperfeito do indicativo e o condicional.

Depois de analisarmos estes exemplos, retirados de um corpus mais vasto, em frases complexas como as que foram consideradas, podemos afirmar que a estrutura em português europeu das orações condicionais se encontra em transformação e o condicional está, possivelmente, a entrar em desuso, ao contrário do espanhol europeu.

Todavia, é importante dizer que, em ambas as línguas, as amostras selecionadas para este trabalho se encontram em meios de comunicação social, tanto orais como escritos, onde a norma padrão deve ser tida em conta. Isto significa que o português europeu, tal como o espanhol europeu, se encontra em mudança, assim como qualquer outra língua, mas a última, até ao momento, pensamos que se manifesta mais estável no que diz respeito ao uso do condicional, ao invés da primeira, em que os verbos eventivos em orações consequentes condicionais já se podem verificar no imperfeito e os verbos estativos ainda se encontram no condicional.

Para além desta análise, foi feita uma pequena pesquisa do que aconteceria em português europeu na linguagem corrente de estruturas condicionais com verbos estativos na oração consequente:

(55) Se fosse hoje, eram já só 112 contos. *ext662554-soc-96a-1*

- (56) Se fosse treinado por Klopp ou Guardiola, Pogba era dos melhores do mundo.<sup>19</sup>
- (57) Murillo? Se tivesse 100 milhões a escolha era outra.<sup>20</sup>
- (58) Se houvesse estrada, estava tudo estragado. *ext555325-soc-98b-1*
- (59) Se fosse um festival, estavam todos. *ext855424-clt-93a-1*

Estes exemplos permitem-nos constatar que, mesmo em estruturas condicionais, o português europeu já revela alteração do tempo verbal em estruturas estativas e que, em contextos de oralidade, esta variação já se manifesta. Esta mudança deve-se, potencialmente, ao facto de o imperfeito “...não ser delimitado por fronteiras que denotem quer o tempo inicial quer o tempo final de uma situação...”, (Cunha 2013, p. 523), como vimos previamente. Assim, neste momento, em português europeu e em espanhol europeu, mas mais em português europeu, o pretérito imperfeito do indicativo com carácter modal concorre com o condicional em orações condicionais na oração conseqüente.

## 5. Conclusão

Neste trabalho, propusemo-nos, tendo em consideração a análise e a reflexão de corpora de duas línguas românicas, o português europeu e o espanhol europeu, pensar sobre os pontos de convergência e divergência do pretérito imperfeito do indicativo em ambas as línguas, mais concretamente, em orações condicionais, na oração conseqüente.

Neste prisma, através dos resultados obtidos, o pretérito imperfeito do indicativo com valor modal, em português europeu, em que detetamos uma perspetiva temporal posterior ao tempo da enunciação, se encontra presente em orações condicionais, recorrentemente. Assim, os resultados demonstram que o imperfeito não apresenta apenas o uso de um tempo do passado, tanto em português europeu como em espanhol europeu.

Por estas razões, parece-nos que, em português europeu, em contextos de escrita ou de oralidade formal, o condicional continua a estar bastante presente, mas, em contextos orais ou de escrita informal, o pretérito imperfeito poderá já ter assumido o papel do condicional em orações condicionais, confirmando o que Oliveira (2003, p. 257) diz sobre a substituição do condicional pelo imperfeito.

Em espanhol europeu, independentemente de o contexto ser formal ou informal, oral ou escrito, o condicional continua a ser o preferido, mesmo que já existam ocorrências do imperfeito em construções condicionais, tal como Brucart (2001, p. 2) afirma ao considerar que o padrão mais frequente e menos marcado consiste em usar o condicional e não o imperfeito.

---

<sup>19</sup> Disponível em <https://www.ojogo.pt/internacional/noticias/interior/se-fosse-treinado-porr-klopp-ou-guardiola-pogba-era-dos-melhores-do-mundo-10317153.html>. Consultado em 5 de janeiro, 2019.

<sup>20</sup> Disponível em <https://www.bola.pt/internacional/noticias/ver765265>. Consultado em 5 de janeiro, 2019.

Por estas razões, parece-nos também importante que a análise do pretérito imperfeito do indicativo na oração conseqüente em orações condicionais seja objeto de um trabalho mais aprofundado e com mais dados, posteriormente.

## Referências

- Bosque, I. (Ed.) (2010). *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española. Madrid: Espasa Calpe.
- Brucart, J. M. (2001). *El valor del imperfecto de indicativo en español*. Primer Congreso Internacional de la Asociación Coreana de Hispanistas. Universidad Nacional de Chonbuk. Consultado em <http://filcat.uab.es/clt/publicacions/reports/pdf/GGT-03-1.pdf>
- Carlson, G. (1977). A unified analysis of the English bare plural. *Linguistics and Philosophy*, 1(3), 413–458. Consultado em <https://www.jstor.org/stable/25000971>
- CETEMPúblico (Corpus de Extratos de Textos Electrónicos MCT/Público) [Base de dados]. Consultado em <http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>
- Cunha, L. F. (1998). *As construções com o progressivo em português: uma abordagem semântica*. (Dissertação de metrado, Universidade do Porto, Porto).
- Cunha, L. F. (2004). *Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados* (Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Porto).
- Cunha, L. F. (2013). Aspeto. In E. Raposo *et al.* (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. I, pp. 585–622). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2000). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- De Miguel, E. (1999). El aspecto léxico. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la Lengua Española* (Vol. 2, pp. 2977–3060). Madrid: Colección Nebrija y Bello, Espasa.
- Dowty, D. R. (1979). *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.
- Leborans, M. (1999). La predicación: Las oraciones copulativas. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la Lengua Española* (Vol. 2, pp. 2357–2460). Madrid: Colección Nebrija y Bello, Espasa.
- Leonetti, M. (2004). Por qué el imperfecto es anafórico. In B. Camus & L. G. Fernández (Eds.), *El pretérito imperfecto*. Madrid: Gredos.
- Moens, M., & Steedman, M. (1988). Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics*, 14(2), 15–28.
- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspeto. In M. H. Mateus *et al.* (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (5.ª ed. revista e aumentada) (pp. 127–178). Lisboa: Caminho.
- Oliveira, F. (2004). O imperfeito e o tempo dos indivíduos. In F. Oliveira & I. M. Duarte (Eds.) *Da língua e do discurso* (Vol. 1, pp. 505–528). Porto: Campo das Letras, col. Campo da Linguística.
- Oliveira, F., & Duarte, I. M. (2012). Le conditionnel et l'imparfait em portugais européen. In J. Bres *et al.* (Eds.), *Ultériorité dans le passé, valeurs modales, conditionnel* (pp. 53–60). Le Mans: Faits de Langues – Editons Peter Lang AS.
- Oliveira, F. (2013). Tempo verbal. In E. Raposo *et al.* (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 509–556). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Real Academia Española. (n.d.). *CREA – Corpus de referencia del español actual* [Banco de dados]. Consultado em janeiro 2019 e novembro de 2020 em <http://www.rae.es>.
- Reichenbach, H. (1947). *Elements of symbolic logic*. New York: The Macmillan Company.
- Vendler, Z. (1967). *Linguistics in philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press.

[recebido em 28 de novembro de 2020 e aceite para publicação em 17 de fevereiro de 2021]